

MITOS E VERDADES DO SEXO OPOSTO? ANALISANDO OS DISCURSOS DAS NEUROCIÊNCIAS NA MÍDIA TELEVISIVA

Joanalira Corpes Magalhães

Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: joanaliracm@yahoo.com.br

Paula Regina Costa Ribeiro

Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: pribeiro@vetorial.net

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a veiculação dos discursos das neurociências – os quais vêm (re)produzindo significados e diferenças sobre as questões de gênero – em programas de TV – Globo Repórter e Fantástico – discutindo de que forma estão sendo construídas as masculinidades e feminilidades. Trazemos esta problematização a partir do campo teórico dos Estudos Culturais. Neste sentido, entendemos os gêneros como construções sócio-históricas produzidas sobre as características biológicas. Os programas utilizam-se de diferentes estratégias pedagógicas para (re)produzir os discursos da neurociência. Ao falar do cérebro de homens e mulheres, esses discursos regulam, instauram saberes e instituem “verdades” sobre os gêneros.

Palavras-chave: gênero; neurociências; programas de TV.

Introdução

Instaurar e prescrever verdades sobre os corpos femininos e masculinos é uma prática observada desde o final do século XVIII, quando se assistia a uma intensificação das investigações sobre a diferença entre homens e mulheres, especialmente no campo da Medicina (ROHDEN, 2001). Nas últimas décadas observamos que saberes produzidos pela Ciência – sobre saúde, funcionamento do organismo, sobre o cérebro, entre outros – são disseminados em diferentes espaços, destacando-se os meios de comunicação (GOMES, 2003). Sons,

GÊNERO

imagens, falas, entreterimento, curiosidades etc., são apenas algumas das características que tornam a mídia televisiva este espaço de comunicação e informação e também um dos mais potentes espaços que estão funcionando como (re)produtores de saberes e conhecimentos, formas de pensar e agir (SABAT, 2001).

Neste sentido, revistas, programas de TV, propagandas, entres outros tantos meios midiáticos, têm funcionado como pedagogias culturais que ensinam modos de ser e de estar na sociedade. Trazemos esta problematização a partir do campo teórico dos Estudos Culturais¹ nas suas vertentes pós-estruturalistas. Na perspectiva cultural, as pedagogias, enquanto processos sociais que ensinam, estendem-se a todos aqueles espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados (RIBEIRO, 2002). Este conceito amplia a noção do educativo para além dos espaços e processos tidos como formais para a aprendizagem. Vamos aprendendo, desde muito cedo, a ocupar e reconhecer os lugares sociais, por meio de um complexo de forças e de processos que incluem instâncias como os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música, e que produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver as masculinidades e feminilidades. Conforme destaca Soares e Meyer,

O conceito de pedagogias culturais remete, exatamente, para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades. Remete, também, para um importante deslocamento no qual o currículo se desvincula e se projeta para além da escola, o que impõe uma reconceptualização das próprias noções de escola, de currículo, de conhecimento escolar. (2003, p.139)

Tal como currículo escolar – em que conhecimentos, valores e habilidades são selecionados para fazer parte de um conjunto a ser ensinado – o currículo cultural agrupa representações de gênero, de raça, de sexualidade, entre outras, para compor padrões tidos como normais pela sociedade, os quais devem ser seguidos (SABAT, 2000).

¹ Os Estudos Culturais caracterizam-se por ser um campo de teorização e investigação que se utiliza de diversas disciplinas para estudar os processos de produção cultural da sociedade. Os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder. (SILVA, 2004)

Por este viés, em nossa pesquisa centramos a discussão em torno da veiculação e (re)produção dos discursos² científicos em programas de TV brasileiros – que têm funcionado como um currículo cultural em que as identidades são constituídas e o conhecimento é produzido e legitimado por um saber científico. Instaurada desde o século XX como “um privilegiado *locus* de ‘verdade’” (GOMES, 2003, p. 273, [grifos da autora]), a mídia centraliza a distribuição de discursos sobre os corpos de homens e mulheres, sobre o que cada gênero pode ou não fazer.

De acordo com Fischer (1997), a mídia não apenas veicula discursos, mas os constrói e produz significados e sujeitos, particularmente a televisão, um meio de comunicação social que “cotidianamente participa da constituição de sujeitos e subjetividades”, na medida em que (re)produz “imagens, significações e saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ de pessoas, ensinando-lhe modos de ser e estar na cultura em que vivem”. (FISCHER, 2002, p. 153 [grifos da autora])

Um dos discursos que tem adquirido grande destaque nos meios de comunicação é o produzido pelo campo das neurociências, que tratam das diferenças de padrões cognitivos e comportamentais entre homens e mulheres. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a veiculação dos discursos do campo das neurociências – os quais vêm (re)produzindo significados, valores, representações e diferenças sobre as questões de gênero – em programas de TV brasileiros – Globo Repórter e Fantástico – discutindo de que forma estão sendo construídas as masculinidades e feminilidades.

Este trabalho fundamenta-se em posicionamentos que utilizam o conceito de gênero como uma construção sócio-histórica produzida sobre as características biológicas (LOURO, 2000). Para Meyer (2003), este conceito acentua o fato de que como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver as feminilidades e as masculinidades. Constituímo-nos como homens e mulheres por meio das mais diversas culturas, instituições e práticas sociais, ao longo de nossas vidas, em um processo não linear e que nunca está acabado. Segundo Ribeiro e Soares (2007), não significa negar a biologia dos corpos, mas também considerar as construções culturais historicamente produzidas a partir de características de

² Neste estudo, entendemos os discursos na perspectiva foucaultiana. Por este viés, os discursos são um conjunto de enunciados que se apoiam em formações discursivas e que são definidos em um determinado quadro de condições de existência. Neste sentido, os discursos não descrevem simplesmente objetos e, sim, produzem os objetos sobre os quais falam. Assim, o importante é examinarmos quais são seus efeitos de verdade.

natureza biológica desses corpos, neste caso em relação às características dos sexos.

Dilema para a Ciência – Analisando a mídia televisiva

Para este estudo, analisamos o programa de TV, Globo Repórter, exibido em maio de 2007 e a série “Sexo oposto”, do Fantástico, exibida no período de março a maio do corrente ano. Ambos os programas tratam de temas relacionados aos estudos das neurociências quanto às questões das diferenças cerebrais entre os gêneros.

O programa Globo Repórter intitulava-se “Um homem e uma mulher” e era dividido em cinco blocos: “Qual é o sexo frágil, afinal?”; “Aprendendo com a natureza”; “Meninos e meninas”; “Dúvida na hora de calcular”; “Dilema para ciência”. Para tratar da temática foram entrevistadas/os várias/os especialistas. Dentre estas/estes, seis mulheres – pedagoga, neurocientista, fonoaudióloga, médica neurologista, professora de medicina e biologia do sono, e bióloga – e três homens – neurocientista, primatologista e médico geneticista. Todas/os atuam como pesquisadoras/pesquisadores em universidades brasileiras ou em institutos de pesquisa do país. No programa era colocada uma pequena biografia de cada entrevistada/o e ressaltava-se o quão renomada/o ela/ele era naquele campo de estudo. No *site* do programa³ era colocado:

Essas são algumas perguntas que nos levaram a percorrer laboratórios científicos e matas, consultórios médicos e escolas, zoológicos, ruas, hospitais de diversas partes do Brasil. Conversamos tanto com especialistas na voz humana quanto no comportamento de macacos. Ouvimos a opinião de endocrinologistas, neuropsiquiatras, matemáticos, estatísticos. As produtoras [...] saíram à cata dos melhores especialistas em cada campo da atividade humana – ou quase – no Brasil. Eles e elas é que nos dariam as chaves para entender o tema que ocupa a mente de homens e mulheres desde o início dos tempos: sexo. O que nos atrai, o que nos afasta, aquilo que nos aproxima – ou nos separa.⁴ (2007)

Em uma primeira análise, podemos evidenciar uma das estratégias utilizadas pela mídia, ou seja, ela invoca a palavra de autoridades científicas para apontar como se constituem e como devemos viver a masculinidade e a feminilidade. Ela solicita o aval de especialistas para a legitimação das “verdades” narradas (FISCHER, 1996, 2002).

³ www.globo.com/globoreporter

⁴ Ao longo do texto, quando referenciarmos o que foi dito nos programas, ou que estava no *site* de cada um, utilizaremos o itálico para destacá-los. Além disso, a escrita dos fragmentos é feita de maneira literal, conforme colocado em cada programa.

Podemos perceber, também, o papel que a mídia possui de articular e mediar discursos de diferentes campos do saber – Medicina, Biologia, Neurociência, Pedagogia, Primatologia – para construir, (re)produzir e transmitir as informações que deseja, neste caso, as explicações e comprovações para diferenças comportamentais, físicas e cognitivas entre homens e mulheres. Devido a sua linguagem mista – sons, imagens e palavras – a televisão, enquanto espaço de mediação de discursos,

ordena a configuração destes, interferindo no interior deles e nos sentidos que podem construir. O produto televisivo (seja um telejornal ou uma telenovela) forma um conjunto de elementos verbais e não-verbais que interagem para a produção de sentido. (LINHARES e MORAIS, 2002, p. 8)

Isto nos possibilita pensar o quanto o discurso pedagogizante da mídia não é neutro, desinteressado e que apresenta certa intencionalidade. Conforme Andrade (2004), os discursos veiculados por meio da mídia “são endereçados e interessados e buscam atingir o público a que se destinam através de incessantes estratégias de convencimento, que levam as pessoas a se identificarem (ou não), a se sentirem nomeadas, visibilizadas e valorizadas nestes discursos midiáticos.” (p. 110)

Enquanto instâncias produtoras de gêneros, as ciências e as mídias têm uma pedagogia, já que nos seus diferentes modos de apresentação “capturam sentidos que circulam na cultura resignificando-os, bem como impondo outros por meio de suas intrincadas redes de poder”⁵ (SANTOS, 2000, p. 196).

Cabe também destacarmos a forma como se estrutura o programa Globo Repórter. Seu formato é de “uma grande reportagem”, em que o jornalista tem o papel de construtor da notícia. A atividade jornalística, neste artefato, tem como tarefa a divulgação científica, podendo ser designada como jornalismo científico (CUNHA, 2008). Na condição de mediador dos fatos, o jornalista influencia e é influenciado pelo que está relatando; realiza uma recodificação do que está sendo dito, ou seja, faz a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada (BUENO *apud* CUNHA, 2008). Numa fase de seu trabalho, pesquisa, consulta, interpreta e (re)constrói informações e, noutra, ao transmitir tais informações, pode se assemelhar ao contador de histórias (LINHARES e MORAIS, 2002), imprimindo ali seus próprios significados, valores, interpretações, intenções, entre outros.

⁵ Utilizamos o conceito de poder na perspectiva foucaultiana. De acordo com Foucault (2006, p. 183), “o poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão.”

GÊNERO

A série "Sexo oposto", exibida no Fantástico,⁶ tinha como objetivo apresentar "as últimas novidades da ciência e muita coisa engraçada para saber sobre as diferenças que envolvem homem e mulher", conforme anunciado no programa. A série foi dividida em seis episódios – "A pré-história"; "As diferenças entre os cérebros"; "Amor e sexo"; "Fases"; "As diferenças entre meninos e meninas"; e "Pai x Mãe" – e tinha como apresentadores uma atriz e um ator que mostravam as explicações científicas a respeito das diferenças cerebrais entre homens e mulheres por meio de dramatizações de situações do cotidiano e de fatos da história. Ao contrário do Globo Repórter, na série não era referenciado quem havia realizado os estudos apresentados, apenas salientavam-se comprovações científicas do que era dito a respeito de mulheres e homens.

Diferentemente do Globo Repórter, na série, os discursos científicos eram apresentados de maneira "descontraída" e "engraçada", com o intuito de proporcionar divertimento e prazer para o sujeito que estava assistindo: "[...] mostram com muito humor as diferenças entre o homem e a mulher". De acordo com Sabat, a mídia, por meio de seus mecanismos educativos, ao veicular esses discursos, não apenas informa, mas tem a função de educar sujeitos

para viverem de acordo com as regras estabelecidas socialmente, e, porque, na sua maioria, estão inseridos na área cultural, esses mecanismos são revestidos de características "inocentes", como prazer e diversão, que também educam e produzem conhecimento. Esses mecanismos contêm pedagogias culturais, formas de ensinar através das quais trabalham significados sociais. (2000, p. 245)

Outro aspecto a ser salientado é a música de abertura de cada episódio da série. No programa era executado apenas um trecho da música "Tem pouca diferença",⁷ conforme destacamos abaixo:

Que diferença da mulher o homem tem?
Espera aí que vou dizer, meu bem.
É que o homem tem cabelo no peito,
tem o queixo cabeludo
e a mulher não tem.

Ao analisarmos este trecho, perceberemos que, na oposição dos gêneros, existe a diferença enquanto gêneros distintos, mas também existe a diferença no sentido de que o gênero feminino desvia, difere do masculino. Conforme

⁶ www.globo.com/fantastico

⁷ Música de composição de Durval Vieira.

Louro, no binarismo “se apresenta primeiro o termo que é prioritário, que lidera em relação ao qual o outro difere – e por isso é o *outro*” (1995, p. 114 [grifo da autora]). Neste sentido, problematizar esta oposição binária (masculino/feminino) permite-nos pensar que a construção do feminino ocorre a partir do masculino – estabelecido em nossa sociedade como norma, tomado como referência – ou seja, a mulher *é/tem* o que o homem *não é/não tem*. A partir dos binarismos, vão sendo estabelecidas regras, códigos sociais e legislações, “formam-se sistemas de significados que, de modo não intencional, contribuem para legitimar relações desiguais entre os sexos” (SABAT, 2000, p. 246).

Os dois programas de TV, utilizando-se de diferentes estratégias pedagógicas – palavra de especialistas, dramatizações, música, imagens, entre outras – buscaram promover a divulgação científica, neste caso, as “novidades” da Ciência a respeito dos gêneros masculino e feminino. Esta mídia utiliza-se do discurso da Ciência para veicular e produzir modos de ser menina e menino, jovem, homem e mulher, procurando causar um efeito de credibilidade e de “verdade”.

Cérebro como delineador de destinos? Discutindo a rede de discursos sobre os gêneros

Ao analisarmos a rede de discursos científicos veiculados nessas pedagogias culturais, podemos perceber o uso dos mesmos para apontar, justificar e naturalizar alguns comportamentos, posicionamentos sociais, padrões cognitivos, habilidades, condutas, entre outros aspectos relacionados aos gêneros. Os discursos presentes nos programas televisivos vêm distinguindo homens e mulheres em virtude das diferenças na anatomia e fisiologia do cérebro de cada um. Estas diferenças justificariam e apontariam o que cada gênero está apto para fazer na sociedade. Destacamos alguns fragmentos dos dois programas televisivos.

O modelo de corpo do cérebro é feminino, se não acontecesse nada de errado todo mundo ia ser mulher [...] na oitava semana o tempo fecha e pinta uma chuva de hormônios, a tal da testosterona, ou seja, a Ciência prova que Eva veio primeiro que Adão. (Fantástico, 2008)

O efeito mais forte que se conhece é o da testosterona, que é o hormônio que os bebês masculinos produzem em grande quantidade no começo da vida, já durante a gestação. A testosterona atrasa ligeiramente o desenvolvimento do lado esquerdo do cérebro, que é o que está associado à fala. É uma explicação bastante razoável para o fato de as meninas começarem a falar mais cedo. (Globo Repórter, 2007)

As meninas falam primeiro e com três anos têm um vocabulário três vezes maior que os meninos da mesma idade. Em compensação, os meninos têm mais capacidade espacial e, portanto, mais pontaria. (Fantástico, 2008)

GÊNERO

Eles concentram muita energia em pouco tempo. E focam em algumas relações muito pontuais. As fêmeas apostam mais em relações de longo prazo. Por isso elas se comunicam mais, falam mais e têm maior aposta nas relações emocionais. (Globo Repórter, 2007)

O cérebro não é um delineador de destinos. Os genes e os hormônios criam um campo de tendências. E, muito pelo contrário, o cérebro é muito plástico, ele responde aos estímulos do ambiente e muda, inclusive, estruturalmente. (Globo Repórter, 2007)

Uma evolução que levou milhões de anos, que trouxe a alteração do esqueleto, do estômago e dos movimentos, do cérebro nos tornou diferentes de nossos ancestrais, mas não apagou as semelhanças. As muitas semelhanças. Macho dominador. Fêmea delicada. (Globo Repórter, 2007)

As meninas aprendem que a brincadeira ideal para elas é mais tranquila, menos barulhenta, menos cansativa. E os meninos aprendem que as brincadeiras ideais para eles são aquelas mais agressivas, em que se movimentam com mais vigor, com mais dinamismo, com empurrões, com gritos. (Globo Repórter, 2007)

Em um dos episódios da série *Sexo Oposto*, é tratada a questão da adolescência, como fase de transição e mudanças na estrutura cerebral. No programa é mencionado que, na puberdade, as diferenças entre meninos e meninas se acentuam e que, nas meninas, as “transformações” são mais acentuadas que nos meninos.

O cérebro de uma adolescente está reorganizando todos os sistemas neurais, mudando tudo. A partir de agora ela sente, age e pensa de maneira diferente. Na puberdade toda a razão de ser biológica de uma adolescente é tornar-se sexualmente atraente. (2008)

Para um garoto adolescente o que importa é ser respeitado e ocupar posições cada vez mais altas na hierarquia masculina. (2008)

Os discursos da neurociência, reforçados e (re)produzidos pela mídia televisiva, imprimem nos corpos⁸ femininos e masculinos as diferenças que justificam as relações desiguais entre os gêneros na sociedade. Ao falar do cérebro de meninos e meninas, adolescentes, homens e mulheres, estes discursos regulam, normatizam, instauram saberes e instituem verdades (LOURO, 2007). Neste sentido, o corpo – neste caso, mais especificamente o cérebro – tornou-se protagonista da história de uma produção de verdade centrada no discurso

⁸ Neste estudo, entendemos o corpo como um híbrido – entre o biológico e o cultural. Por este viés, mais do que um dado natural, cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. (GOELLNER, 2007)

científico e nas instituições que o produzem e reproduzem. Foucault destaca que a verdade é

objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, [...]); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação) [...]. (2006, p. 13)

Assim, um canal de TV como a Globo – que se caracteriza por sua audiência e grande abrangência populacional – pode ser considerado um desses aparelhos de controle da produção e veiculação da “verdade”. Os programas Globo Repórter e Fantástico destacam-se pela grande audiência, conforme dados de 2007, presentes no *site* da emissora.⁹ De acordo com o *site*, o Globo Repórter é “o programa de reportagens mais assistido e prestigiado na televisão brasileira. [...] apresenta diversas realidades curiosas a mais de 22 milhões de telespectadores nas noites de sexta-feira. [...] em seus 34 anos de história, [...]”. Em média, metade dos televisores ligados no Brasil fica sintonizado no Globo Repórter nas noites de sexta [...]”. Sobre o programa Fantástico, o *site* coloca que o mesmo “é a revista eletrônica semanal há mais tempo no ar na TV brasileira: 34 anos. São quase 22 milhões de telespectadores em média a cada domingo, total que supera a soma dos quatro principais concorrentes da faixa horária, [...]”. Ainda é mencionado que ambos os programas atingem as classes econômicas A, B e C.

Esses programas, por deterem grande credibilidade e respeito das/dos telespectadoras/telespectadores (RUBBO, 2007), atuam como propagadores de “verdades” – sendo estas construídas pela linguagem biológica, marcadas pela autoridade da ciência (LOURO, 2000) – sobre os gêneros. Neste sentido, a mídia televisiva não apenas apresenta estudos e discursos da Ciência, mas, ao falar deles, atua também como

produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica. [...] na construção da linguagem de peças audiovisuais, delineiam-se diferentes estratégias comunicativas de formar e também informar. (FISCHER, 1997, p. 61)

Conhecer seu próprio corpo, suas partes mais “secretas”, implicaria a homens e mulheres conhecer uma “verdade” sobre si mesmos e mesmas. A mídia como veiculadora dos mais diversos ditos sobre o corpo, sempre referendando o discurso da ciência, intitula-se “esclarecedora”, “com intenção de trazer ao leitor/espectador/consumidor informações verdadeiras e fidedignas” (GOMES,

⁹ <http://comercial.redeglobo.com.br/programacao>

2003, p. 273). Nelkin (*apud* RIPOLL, 2008) destaca que as reportagens especiais tornam-se, cada vez mais, importantes fontes de informação científica e que muitas pessoas recorrem à mídia para aprender e entender o que acontece com seu corpo, com sua vida. A mídia, fazendo parte da cultura, produz

modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo, produzindo, reforçando e veiculando uma gama de ensinamentos às pessoas. Esses ensinamentos colocam em ação estratégias pedagógicas de interpelação dos sujeitos. Essas estratégias [...] atuam diretamente sobre os corpos dos sujeitos, educando-os, moldando-os, governando-os. (ANDRADE, 2004, p. 109)

Neste sentido, aprendemos de muitas formas, em diferentes espaços, acerca do nosso corpo e das práticas que nos tornam pertencentes ao gênero feminino ou masculino, “práticas essas que não podem ser vistas como ‘naturais’, mas sim como decorrentes de um processo no qual a cultura tem um papel decisivo” (DULAC, 2007, p. 89 [grifos da autora]).

Ao acentuar as diferenças entre os gêneros – habilidades, comportamentos (macho dominador, fêmea delicada, mulheres falam mais, os meninos têm mais capacidade espacial, a razão de ser biológica [...] é tornar-se sexualmente atraente), entres outras – a mídia essencializa tais características, como se estas fossem biologicamente determinadas, inatas e naturais dos sujeitos femininos e masculinos. Embora estas marcas estejam inscritas nos corpos, não se nasce homem ou mulher, mas sim nos tornamos homens e mulheres ou somos educados para sermos assim em um processo sócio, histórico e cultural (GOMES, 2003). Colling (2004) destaca que não há “verdade” na diferença entre os gêneros, mas sim um esforço interminável para dar-lhe sentido, interpretá-la e cultivá-la; portanto, “jamais conseguiremos captar essências, porque estas não passam de categorias discursivas” (p. 29).

Na série *Sexo Oposto*, ao comentarem que a Ciência havia provado que Eva veio primeiro do que Adão (O modelo de corpo do cérebro é feminino, [...]) os dois apresentadores dramatizam situações vividas no “Jardim do Éden”. Lá, Eva nomeia-se patroa, diz a Adão que ele está atrasado para o trabalho e que é ele quem deve sustentar os dois, ensinando-lhe que suas mãos servem para trabalhar. Continuando a história, Adão come o fruto proibido e eles são expulsos do paraíso, e é dito: “O homem terá seu sustento com muita fadiga”. Eva, furiosa, diz a Adão que ele terá que trabalhar o triplo e que ela, em alguns milhões de anos, terá de trabalhar também.

Com humor e irreverência, são apontados aí comportamentos e atribuições estabelecidos para homens e mulheres. De acordo com Colling (2004),

as representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram os pensamentos sobre as diferenças entre os gêneros: mãe, esposa dedicada, digna de ser louvada e santificada. Seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, corruptora, constituindo a vergonha da sociedade. "Aos homens o espaço público, político, onde centraliza-se o poder; à mulher, o privado, seu coração, o santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública. [...] Estes limites da feminilidade, [...], são uma clara maneira de demarcar sua identidade. (p.15)

Neste sentido, as relações de gênero, (re)produzidas pela mídia, "são campos de constituição de identidades, de produção e reprodução de representações e, portanto, espaço educativo" em que imagens de meninos e meninas, adolescentes, homens ou mulheres "podem ser consumidas, tendo como referencial modelos sociais, econômicos e culturais hegemônicos" (SABAT, 2000, p. 247).

Outra dramatização, que destacamos na série *Sexo Oposto*, foi referente à questão de que os homens, por terem um cérebro mais compartimentado, concentram-se muito mais em uma determinada tarefa do que as mulheres. Para tanto, encenaram um piquenique de Newton e sua esposa. O apresentador comenta: "Um grande cientista como Sr. Isaac Newton faz suas descobertas concentrando-se totalmente, desligando-se do mundo que o cerca." Enquanto o cientista faz seus cálculos, a mulher ao seu lado fala incessantemente. Fala mal de outras pessoas, de outras mulheres. Em certo momento, uma maçã cai na cabeça de Newton. Ele fica pensando e pergunta: "Você falou alguma coisa sobre gravidade?" e a mulher responde: "Newton, gravidez! Será que você nunca presta atenção no que eu digo?". Sua esposa começa a recolher as coisas do piquenique e sai do lugar reclamando, sem parar, de que ele nunca presta atenção e escuta o que ela diz, mandando que ele largue aqueles papéis (com os cálculos e fórmulas) e que a ajude. Finalizando a cena, o apresentador diz: "Foi assim que Sr. Isaac Newton deixou de inventar a Lei da Gravidade".

Se, por um lado, o "conteúdo" desta dramatização nos interpela, por outro, possibilita-nos argumentar que ser inteligente, concentrado ou que falar demais, reclamar muito, não são características dadas *a priori*, mas sim representações construídas de acordo com determinados contextos sociais, culturais e históricos implicadas em sistemas de significações e relações de poder. Colling (2004) comenta que Rousseau, filósofo do século XVIII, foi um dos teóricos responsáveis pela delimitação dos lugares que deveriam ser ocupados por homens e mulheres na sociedade daquela época, e que já qualificava a palavra em nome do sexo, desmerecendo a palavra feminina.

GÊNERO

As mulheres têm a língua flexível; elas falam mais cedo, mais facilmente e mais agradavelmente que os homens. O homem diz o que sabe, a mulher diz o que o agrada; um para falar tem a necessidade de conhecimento, o outro do gosto; um deve ter como objeto principal as coisas úteis, a outra agradáveis. (ROUSSEAU *apud* COLLING, 2004, p. 15-16)

As relações entre os gêneros surgem de forma hierarquizada em diferentes lugares e instâncias, como a mídia, assentadas por diversos discursos. Entender estes discursos, que atribuem aos gêneros seus posicionamentos sociais como construções sócio-históricas, implica em reconhecermos que “as condições de produção do conhecimento científico são históricas e estão ligadas às representações de homem e mulher em uma dada época e local” (GOMES, 2003, p. 278). Neste sentido, podemos considerar que a Ciência é generificada, ou seja, constituída e atravessada pelas representações de gênero daquela época e, ao mesmo tempo, produz, expressa ou (re)significa as referidas representações (LOURO, 2004; SCOTT, 1995). Neste sentido, Gomes argumenta que “a sujeição feminina é justificada por argumentos pretensamente científicos que definiram a ‘natureza feminina’, demonstraram a inferioridade intelectual da mulher e fundamentaram a noção da inelutabilidade de seu destino ‘biológico’”. (2003, p. 278 [grifo da autora])

Na edição do Globo Repórter, problematizando a questão da inserção das mulheres nas Ciências, o repórter conta a história de duas brasileiras doutoras em matemática – as primeiras mulheres no país a entrar na Academia Brasileira de Ciências (ABC). Uma delas conta que, quando jovem, estudava em um “colégio de padres”¹⁰ e que a freira estranhou seu interesse tão forte pelos estudos desta área. A pesquisadora comenta: “A freira dizia que eu não devia fazer isso porque eu não teria o que conversar com meu marido”. No decorrer, o programa questiona a comprovação, feita por meio de uma pesquisa, de que as mulheres teriam mais problemas com matemática do que os homens. Um pesquisador comenta: “É verdade. Mas, por outro lado, os meninos têm mais problemas de reprovação e mais problemas na parte de leitura. Matemática foi o tema em que as meninas foram piores do que os meninos”. Após a observação do entrevistado, uma das pesquisadoras faz a seguinte colocação: “Exceções existem para todas as regras. Na verdade, eu acho que sempre fui muito dedicada, não tenho nada de excepcional. Acho que é só dedicação e estudo em bons colégios”.

Ao veicular e produzir seus discursos, estas instâncias, mídia e Ciência, instituem o que homens e mulheres estão aptos para desempenhar e seus diferentes posicionamentos sociais. Podemos observar o quanto estes discursos

¹⁰Expressão utilizada no programa para referir-se à escola onde a pesquisadora estudava.

nos interpelam através da fala da pesquisadora: “[...] eu acho que sempre fui muito dedicada, não tenho nada de excepcional. Acho que é só dedicação [...]”. Estas representações já se tornaram tão naturalizadas que não mais questionamos o quanto a constituição do que é dito como masculino ou feminino é uma construção de um determinado momento histórico e que tem lugar a partir da forma como as características biológicas são representadas, considerando o que se pensa e o que se diz sobre elas (LOURO, 2004). Colling (2004) problematiza que estes padrões, incansavelmente repetidos em diversos discursos, inscreveram-se no pensamento de homens e mulheres. Elas, muitas vezes, desmerecem-se, atribuindo-se pouca importância, assumindo o discurso de que o lugar do poder, do conhecimento é reservado ao homem, mesmo considerando que “Exceções existem para todas as regras”.

Um dos discursos de grande destaque na edição do programa Globo Repórter é o da mulher sensível, frágil, cuidadosa, conforme fragmentos abaixo destacados:

[...] o cérebro emocional da mulher parece ser mais bem equipado. Isso parece fazer com que ela tenha maior capacidade de perceber emocionalmente o sofrimento de alguém – ou a alegria e o prazer, por que não? – através das expressões faciais, só observando o rosto da pessoa, e também através do tom de voz. (Globo Repórter, 2007)

Acredita-se que é mais fácil o homem ir à guerra porque, como ele tem o cérebro mais sistemático, classifica mais facilmente quem é o amigo e quem é o inimigo. A mulher, por ter um cérebro mais intuitivo, mais emocional, e por ter um cérebro mais empático, tem mais dificuldade nessa classificação. (Globo Repórter, 2007)

Segundo pesquisa que acaba de ser divulgada pelo Ministério da Saúde, a mulher brasileira vive, em média, sete anos a mais do que o homem brasileiro. Uma explicação é porque o homem não é educado pela mãe nem pela comunidade para cuidar. Como não cuida dos outros, também não aprende a ser cuidadoso com ele mesmo. (Globo Repórter, 2007)

Em detrimento do argumento clássico de que as diferenças biológicas justificam os atributos sociais determinados a cada gênero, Sabat (2000) argumenta que, ao revermos a história ocidental, podemos observar, nas organizações familiares, políticas e econômicas, as marcas das diferenças entre mulher e homem, sempre exercendo funções definidas e delimitadas.

O lugar social da mulher sempre foi determinado em oposição ao lugar social dos homens. Força, autoridade, virilidade, foram estabelecidas como símbolos culturais dominantes em oposição à fragilidade, à fraqueza, à sensibilidade, características consideradas femininas. (p. 246)

Discursos como estes – homens são guerreiros, fortes e mulheres são sensíveis, responsáveis pelo cuidado das outras pessoas – nos interpelam e nos produzem como sujeitos de gênero.

A constituição de cada pessoa deve ser pensada como um processo que se desenvolve ao longo de toda vida em diferentes espaços e tempos. Desta forma, o conceito de gênero trouxe-nos a possibilidade de colocar em discussão relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres, posicionando-os como desiguais em suas possíveis e múltiplas diferenças. (FELIPE, 2004, p. 33)

Problematizar alguns desses modos de ser homem e de ser mulher que a TV nos apresenta como “verdadeiros” ou mais adequados e que se tornam hegemônicos em nossa sociedade, nos possibilita perceber e visibilizar algumas das estratégias de que a mídia se utiliza para a interpelação, regulação e governo sobre os gêneros, as quais colaboram para produção de determinadas identidades nos sujeitos (ANDRADE, 2004).

As duas pedagogias culturais analisadas neste artigo trazem, como pauta de discussão, a questão da família. Primeiramente, analisaremos como esta é problematizada no Globo Repórter e depois na série do Fantástico, pois estes se diferenciam enormemente na forma como abordam o tema.

No Globo Repórter, é chamada uma família “como tantas outras famílias do Brasil” – conforme anunciado no programa – formada por pai, mãe e dois filhos (um casal). O jornalista informa que a menina e o menino têm apenas um ano de diferença na idade, mas que, no comportamento, “meninos são de um planeta e meninas de outro”. É enfatizada, no programa, a fala dos pais, comentando sobre as diferenças entre os dois filhos.

Eles são diferentes em quase tudo. (Fala da mãe)

Ele é bem diferente dela. Acho que é uma característica do sexo masculino. Ele quer se impor sobre todo mundo. A palavra e a opinião dele é que valem. É uma característica muito de macho. E quando tem amiga dela aqui, ele quer mandar, como o galo no terreiro. (Fala do pai)

Por meio desses excertos podemos problematizar não apenas o dito, mas também uma das estratégias utilizadas pela mídia para dar credibilidade ao discurso que está sendo veiculado. Ao chamar os pais – pessoas “normais” – para falar sobre as diferenças de comportamento entre seus filhos, a TV produz a sensação de que as/os telespectadoras/telespectadores participam do que está sendo projetado e que, observando nosso cotidiano, elas/eles podem ratificar o que é dito pela ciência sobre cada gênero. As/os espectadoras/espectadores tornam-se de alguma forma sujeitos não só das “verdades” ditas,

mas igualmente produtores e legitimadores dessas “verdades”. Neste sentido, entendo que a televisão “é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais, por sua vez, estão relacionados” a modos de ser menino ou menina, a modos de pensar cada gênero, “a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida”. Análise a TV “na sua íntima relação com a produção de modos de subjetivação na cultura” (FISCHER, 2002, p. 154).

Vinculado ao discurso da família, o discurso da paternidade/maternidade é apresentado em um dos episódios da série *Sexo Oposto*. Neste, a explicação da formação da família se baseia no fato de que, como os homens na pré-história eram responsáveis por prover o alimento por meio da caça, coube às mulheres o cuidado e a educação dos filhos, e “*isso deu origem à família, o que originou a civilização*”. “Desde os primatas, por exemplo, quem alimenta, cria, faz tudo é a mãe. Pai nem existe. Os machos servem apenas para reproduzir. A fêmea escolhe o mais forte, o mais apto para reprodução e se acasalam”. (2008)

Logo após esta fala, os atores encenam uma situação de um homem e uma mulher em uma danceteria. A mulher aparece analisando os homens à sua volta e sua análise detém-se sobre a situação financeira de cada um, como, por exemplo, “Professor de universidade federal... Salário ridículo”; “Jovem empresário, morou na França...”. Já o homem, ao observar as mulheres, faz sempre os comentários: “Gostosa... Gostosinha... Gostosona!... Não é gostosa”. Ao final, o apresentador diz que o interesse dos dois é de “acasalar”.

Após mostrarem como se dá a escolha da/do parceira/o – a formação do casal – é levantada a questão: “Afinal de contas, de onde vem essa nossa mania de formar um casal?”. Respondendo a pergunta, é dito que a monogamia tem fundamento biológico, pois diferentemente do filhote das outras espécies, o bebê humano precisa de anos para tornar-se autossuficiente.

O cérebro humano é bem maior que o cérebro de um macaco e seu pleno desenvolvimento exige muitos e muitos anos durante os quais o bebê não pode ficar na barriga da mãe. O resultado é uma espécie de parto pré-maturo onde o filhote do homem ainda não está inteiramente formado. Seria impossível para uma mãe, sozinha, criá-lo durante tanto tempo. Para isso, nasceu a família monogâmica em que o pai se ocupa da comida e a mãe da educação. Os casais monogâmicos existem basicamente para criar os filhos. (2008)

A diferença existente entre o desenvolvimento do cérebro do bebê humano e do filhote de macaco justificaria “a tendência natural” de mulheres e homens para a formação de “casais monogâmicos” que “existem basicamente para

GÊNERO

criar os filhos” e, nesta instância social, cada um tem seus atributos biologicamente definidos, ou seja, “o pai se ocupa da comida e a mãe da educação”.

As pesquisadoras Barral e Delgado (*apud* GRAÑA, 2006), em suas investigações a respeito da falsa neutralidade das comparações entre a espécie humana e certas espécies animais, problematizam o quanto estas comparações, tendenciosamente escolhidas, são utilizadas para dar fundamento empírico ao caráter evolutivo das diferenças entre homens e mulheres. A visão antropocêntrica presente neste discurso da mídia – o cérebro do homem maior que o cérebro do macaco – possibilita-nos discutir o quanto os homens definem-se e constroem o outro – a mulher, as demais espécies, a natureza – a partir deles mesmos (COLING, 2004). Neste sentido,

las investigaciones científicas nos permiten adentrarnos em el conocimiento de esta diversidad, pero para ello es necesario dar a las investigaciones um nuevo enfoque, que las libere de los sesgos androcéntricos y antropocéntricos que han hecho que hasta ahora, em su mayoría, vinieran a confirmar y rubricar científicamente los estereótipos sociales em relación com los sexos. (BARRAL e DELGADO *apud* GRAÑA, 2006, p. 118)

Estes discursos da Ciência vêm concebendo que homens e mulheres estão naturalmente designados para formar uma família, cujo objetivo é reproduzir-se, criar seus filhos e que, nesta instância, os atributos destinados para cada gênero já estão pré-estabelecidos: o pai é o provedor, quem trabalha, o chefe de família; já a mãe é a responsável pelo cuidado da casa, do marido e das/os filhas/os. Para Hennigen (2008), “ao longo do tempo e a partir de diferentes campos de saber/poder, foi sendo construído e naturalizado este modelo de família, que parece receber o *status* de família ‘normal’ em variados produtos midiáticos” (p. 01, [grifo da autora]). Neste sentido, a mídia televisiva é uma destas instâncias culturais que se constitui como um importante espaço produtor e veiculador de discursos que contribuem de forma decisiva para naturalizar e normalizar alguns padrões de família e de gênero. De acordo com Costa (2002, p. 74), “os textos culturais, como é o caso dos programas televisivos, são tomados como discursos que não apenas descrevem ou falam sobre as coisas, mas, ao fazer, isso, instituem as próprias coisas”.

Ao apresentar os discursos neurocientíficos a respeito das diferenças entre os gêneros, os programas de TV não somente reproduzem tais discursos, mas também produzem “verdades” sobre homens e mulheres, ensinam modos de viver a masculinidade e a feminilidade.

Algumas considerações...

A guerra dos sexos já tem vencedor. Não foi o homem. Também não foi a mulher. A guerra dos sexos foi vencida pela ciência! (Globo Repórter, 2007).

Conforme este excerto, tais pedagogias culturais – programas de TV – vêm considerando a Ciência como área responsável pelo desvelamento da “natureza”, nesse caso, da “natureza” de homens e mulheres. Através de seus discursos – marcados pelo determinismo¹¹ biológico – pretendem mostrar as preferências, aptidões, habilidades e comportamentos de cada gênero, como se fossem dados *a priori*. De acordo com Louro (2003), essas diversas teorias e explicações científicas têm sido elaboradas para comprovar as distinções entre homens e mulheres, para justificar os lugares sociais, os destinos e os atributos de cada um. Sendo os gêneros construções socioculturais aprendemos a ser homem e a ser mulher por meio de múltiplos processos, estratégias e práticas culturais estabelecidas pelas diferentes instâncias sociais como a mídia televisiva.

De acordo com Guimarães e Barreto (2008, p. 42), “a televisão é um dos fenômenos sociais e culturais mais importantes da história [...] nenhum outro meio de comunicação tem ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, com o mesmo poder de fascinação e de penetração”. A mídia funciona como uma espécie de lugar de superposição de “verdades”,

justamente por ter-se transformado em um local privilegiado de produção, veiculação e circulação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles diretamente criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios. Uma de suas características principais é que, nela, por uma razão basicamente do alcance das tecnologias investidas nesse campo, qualquer discurso, [...] é passível de ter sua força de efeito ampliada [...]. (FISCHER, 1996, p.123)

Neste sentido, os meios de comunicação de massa adquiriram o papel de preenchimento das vidas cotidianas, bem como no condicionamento dos desejos, aspirações e percepções dos sujeitos (GIROUX, 2003). Além disso, conforme destaca Ripoll (2008, p. 7-8), a cultura da mídia tornou-se uma das principais “instâncias produtoras, veiculadoras e reguladoras de significados, de valores e de gostos”, ao (re)produzir os discursos das neurociências, a respeito das diferenças cerebrais entre homens e mulheres, também estabelece normas que oferecem e legitimam determinados posicionamentos sociais dos gêneros, bem como “participa da construção de parte dos nossos entendimentos acerca de nós mesmos e do mundo a nossa volta”.

¹¹Segundo Silva (2000, p. 39), determinismo é a “tendência a atribuir um peso e um grau exagerados à determinação que um certo fenômeno exerce sobre outro. Dependendo de qual fator se considera determinante, pode-se falar em determinismo biológico, determinismo econômico, determinismo tecnológico etc.”

Abstract: This article aims to analyze the propagation of speeches of neuroscience – which have been (re)producing meanings and differences on the issues of gender – in TV shows – Globo Repórter and Fantástico – discussing how the masculinities and femininities are being built. We bring this problem from the theoretical field of Cultural Studies. In this direction, we understand genders as socio-historical constructions produced on the biological characteristics. The shows use different pedagogical strategies to (re)produce the discourses of neuroscience. When talking about the brains of men and women, these speeches regulate, establish knowledge and institute “truths” about genders.

Keywords: gender; neurosciences; TV shows.

Recebido em março de 2009 e aceito para publicação em junho de 2009.

Referências

- ANDRADE, S. dos S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar e SOARES, R. *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves, CABEDA, S. T. L. e PREHN, D. R. *Gênero e Cultura: Questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- COSTA, M. V. Ensinando a dividir o mundo; as perversas lições de um programa de televisão. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 20, p. 71-82, maio/jun/jul/ago. 2002.
- CUNHA, R. B. Do científico ao jornalístico: análise comparativa de discursos sobre saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, São Paulo, n.24, p.195-203, jan./mar. 2008.
- DULAC, E. B. F. Lições de beleza e feminilidade nos anúncios publicitários de cosméticos. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna *et al. Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciências*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.
- FELIPE, J. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: In: MEYER, Dagmar e SOARES, R. *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FISCHER, R. M. B. Adolescência em discurso. Mídia e produção de subjetividade. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n 2, p. 59-79, jul/dez 1997.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GIROUX, H. *Atos Impuros: A prática política dos Estudos Culturais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, J. e GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOMES, P. B. M. B. Genitais femininos e os lugares da diferença. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST, P. G. *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed.da UFRGS, 2003.

GUIMARÃES, G. e BARRETO, R. G. Linguagens na TV. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 47, p. 41-54, jun. 2008.

GRAÑA, F. *El sexismo en el aula – Educación y aprendizaje la desigualdad entre géneros*. Montívideu: Nordan Comunidad, 2006.

HENNIGEN, I. A família que aparece na mídia: hegemonia de um modelo. *PSICO*, Porto Alegre, n. 2, p. 166-174, abr./jun. 2008.

LINHARES, M. G. de A. e MORAIS, W. P. de. *Diversidades de um discurso sobre o meio ambiente*. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2002. Salvador.

LOURO, G. L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 2, p. 101-132, jul/dez. 1995.

_____. Corpo, Escola e Identidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n 2, p. 59-76, jul/nov. 2000.

_____. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorra-ber. *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, J. F., GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GÊNERO

RIBEIRO, P. R. C. Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

RIBEIRO, P.R.C. e SOARES, G.F. As identidades de gênero. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar* – Caderno Anos Iniciais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

RIPOLL, D. *O currículo midiático, a pedagogização cotidiana do medo e o ensino de ciências: algumas reflexões e (des)construções contemporâneas*. XIV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. 2008. Porto Alegre.

ROHDEN, F. *Uma Ciência da diferença: sexo e gênero na medicina*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2001.

RUBBO, D. *A ciência no programa Fantástico: uma análise de discurso*. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. Santos.

SABAT, Ruth. Quando a publicidade ensina sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, Luiz Heron da. *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 12-21, 2001.

SANTOS, L. H. S. dos. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, Luiz Heron da. *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 2, p. 71-100, jul/dez. 1995.

Sexo Oposto. *Fantástico*. Rio de Janeiro, Rede Globo, mar/mai. 2008. PROGRAMA DE TV. Disponível em: < <http://www.globo.com/fantastico> > Acesso em: 16 de maio de 2008.

SILVA, T. T. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, R. F. R e MEYER, D. E. E. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas?. *Revista Brasileira de Educação*, Porto Alegre, n. 23, p. 136-148, maio/jun/jul/ago. 2003.

Um homem e uma mulher. *Globo Repórter*. Rio de Janeiro, Rede Globo, 25 de maio 2007. PROGRAMA DE TV. Disponível em: < <http://globoreporter.globo.com/globoreporter> > Acesso em: 28 de maio de 2007.